



DOI: <http://dx.doi.org/10.18378/aab.v4i1.4622>

**Rosélia Maria de Sousa Santo<sup>1\*</sup>**;

**José Ozildo dos Santos<sup>2</sup>**

**Aline Carla de Medeiros<sup>3</sup>**

**Thiago Alves Pimenta<sup>4</sup>**

**Tiago Silva Lima<sup>4</sup>**

**José Lucas Guilherme Santos<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>Diplomada em Gestão Pública, Mestranda em Sistemas Agroindustriais, UFCG, Pombal, PB, Brasil

<sup>2</sup>Diplomado em Gestão Pública, M. Sc. em Sistemas Agroindustriais, UFCG, Pombal, PB, Brasil

<sup>3</sup>Doutoranda do Programa de pós-graduação em engenharia de processos (PPGEP) da UFCG – Campina Grande – PB

<sup>4</sup>Graduandos do curso de Agronomia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Pombal-PB

**Autor Correspondente:**

\* [roseliasousasantos@hotmail.com](mailto:roseliasousasantos@hotmail.com)

**Palavras-chave:** Abelhas nativas; comunidade quilombola, oportunidade de renda

**Key Words:** native bees; maroon communities; income opportunity.

Recebido: 10/06/2016

Aceito: 20/08/2016

## A meliponicultura como atividade produtiva: Uma análise em comunidade quilombola do Sertão paraibano

### RESUMO

Nas comunidades quilombolas, o mel, o cerume e o pólen, produzidos pelas abelhas nativas são bastante utilizados possuindo fins diversos, que variam de acordo com a cultura local. O presente estudo teve como objetivo mostrar que a meliponicultura pode constituir-se numa oportunidade de renda complementar para os quilombolas do município de Diamante no Estado da Paraíba. A coleta dos dados foi realizada no período de setembro a outubro de 2015, oportunidade em que se utilizou um questionário previamente elaborado, contendo questões subjetivas. Constatou-se que em relação à assistência técnica por parte dos órgãos públicos e do incentivo para a prática da meliponicultura, a maioria dos participantes nunca receberam a visita de um técnico para tratar do assunto e que apenas uma pequena parcela participou de alguma capacitação técnicas. Por outro lado, 85% dos participantes acreditam que o principal obstáculo enfrentado por eles em relação à meliponicultura diz respeito à falta de apoio e de assistência técnica; 15% acrescentaram que além desses obstáculos, a falta de uma flora apropriada na região também tem contribuído para limitar a produção de mel na comunidade.

### *The meliponicultura as a productive activity: An analysis in a maroon communities of Paraíba backlands*

### ABSTRACT

In maroon communities, honey, wax and pollen, produced by native bees are widely used. Having different purposes, which vary according to a local culture. The present study aims to show that beekeeping can constitute an opportunity to supplement income for the Maroons, city of Diamante, Paraíba state. The data collection was carried out from September to October 2015, at which time a previously elaborated questionnaire containing subjective questions was used. It was found that in relation to technical assistance by public bodies and encouragement for the practice of beekeeping, most participants who never received a visit from a technician to deal with the matter and that only a small portion already participated in a training about hygiene techniques in honey produced. Moreover, 85% of respondents believe that the main obstacle faced by them in relation to beekeeping concerns the lack of support and technical assistance; 15% added that beyond these obstacles, the lack of a proper flora in the region has also contributed to limiting the production of honey in the community.

## INTRODUÇÃO

Nas populações rurais brasileiras, principalmente, do norte e do nordeste, bem como nas tradicionais comunidades formadas por indígenas e quilombolas, a Meliponicultura, definida como a atividade de criar abelhas sem ferrão, vem sendo desenvolvida há séculos (CARVALHO; et al., 2014).

Alves et al. (2012) mostram que vários estudos já foram realizados no Brasil, objetivando avaliar como se desenvolvem as relações entre as populações tradicionais (indígenas e quilombolas) e as abelhas sem ferrão. No entanto, quando tais estudos são comparados com os desenvolvidos no campo da Apicultura, percebe-se que os primeiros são em número bastante reduzido, o que demonstram que a Meliponicultura ainda necessita conquistar um melhor espaço no meio científico.

Nas comunidades quilombolas, o mel, o cerume e o saburá (pólen), produzidos pelas abelhas nativas são bastante utilizados, possuindo fins diversos, que variam de acordo com a cultura local. Um estudo desenvolvido por Toledo e Barrera-Bassols (2009) mostra que nessas comunidades, o mel produzido pela urucu tem grande valor comercial, principalmente, por suas propriedades medicinais.

Com grande frequência, o mel da urucu é adicionado às chamadas plantas medicinais e utilizado para o tratamento de várias doenças, possuindo uma utilização não somente na etnobotânica, como também etnoveterinária.

Entre os quilombolas, com uma grande frequência, a urucu é encontrada, sendo criada em cortiços, que consiste na retirada de troncos ocos de árvores em que os ninhos estão localizados, fechando as extremidades com argila (KERR et al., 1996).

Essa prática de manter abelhas em cortiços está sendo substituída por caixas rústicas, especialmente pelos meliponicultores mais jovens e apicultores, sob o argumento de que torna a gestão destas abelhas mais fácil. Entretanto, objetivando preservar a tradição cultural, criadores mais antigos veem se preocupando em ensinar a prática do cortiço aos seus filhos e netos (CARVALHO et al., 2004).

A criação de abelhas sem ferrão nas comunidades quilombolas é considerada uma atividade tradicional, encontrando-se envolvida em uma rede de conhecimento ecológico, que veem sendo transferidos de gerações para gerações, ao longo do tempo (ALVES et al., 2012).

O presente estudo tem por objetivo mostrar a meliponicultura como uma oportunidade de renda complementar para os quilombolas do município de Diamante no Estado da Paraíba.

## MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada na comunidade Sítio Barra de Oitis, localizada no município de Diamante, Estado da Paraíba, região esta que integra a Mesorregião do Sertão e à Microrregião de Itaporanga. Por sua vez, o município de Diamante se limita com Bonito de Santa Fé e São Jose de Caiana, ao norte; Boa Ventura e Curral Velho, ao leste; Santana de Mangueira, ao sul, Ibiara e Conceição, ao oeste (CPRM, 2005).

A coleta dos dados foi realizada na comunidade quilombolas do Sítio Barra de Oitis município de Diamante

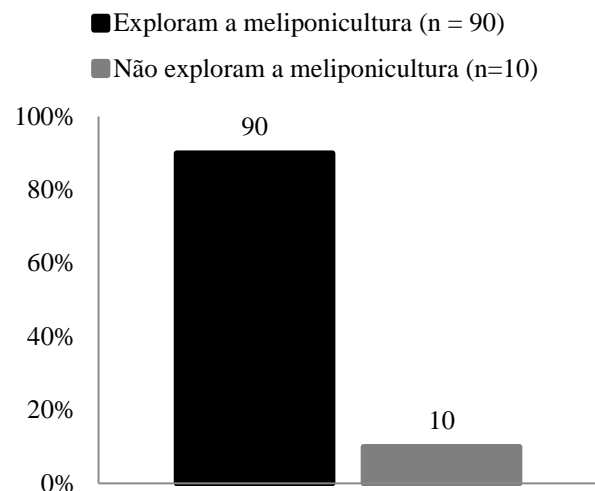
no Estado da Paraíba, no período de setembro a outubro de 2015, oportunidade em que se utilizou um questionário previamente elaborado, contendo questões subjetivas.

Para a recolha dos referidos dados foram feitas cinco visitas semanais, observando a disponibilidade dos informantes. No final, os dados foram analisados quantitativamente através do modelo descritivo, utilizando-se do programa Statistica 6, possibilitando a apresentação de tais dados em forma de gráficos e tabelas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação ao número de trabalhadores que efetivamente explorava a meliponicultura na comunidade, Observa-se na figura 1 que 90% tem alguma relação com abelhas sem ferrão, na questão de exploração de seus produtos, mesmo que de forma extrativista.

**Figura 1.** Distribuição dos trabalhadores que exploram a meliponicultura em Comunidade Quilombola no município de Diamante, Paraíba.

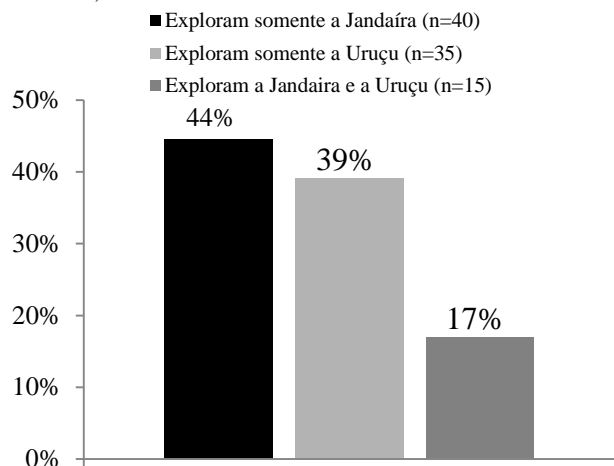


Um estudo realizado por Aquino (2006) mostra que em grande parte das comunidades quilombolas da Paraíba, a meliponicultura é desenvolvida. No entanto, como atividade de subsistência, sendo que parte do mel produzido é utilizada como alimento e outra é comercializada, principalmente, com fins comerciais.

Para as espécies de abelhas sem ferrão criadas na comunidade de quilombolas Oitis, no município de Diamante-PB, procurou-se identificar as espécies, levando em consideração o número de participantes aptos a responderem este questionamento de acordo com a Figura 1.

Verificou-se que 44% dos quilombolas entrevistados exploram somente a abelha Jandaíra para a produção de mel, cera e “saburá”, na Comunidade Barra de Oitis; 39% declararam que criam somente a Uruçu, enquanto que os demais (17%) declararam que conseguem criar as espécies Jandaíra e Uruçu, ao mesmo tempo (Figura 2).

**Figura 2.** Distribuição dos trabalhadores que exploram a meliponicultura quanto às espécies de abelhas sem ferrão exploradas em Comunidade Quilombola no município de Diamante, Paraíba.

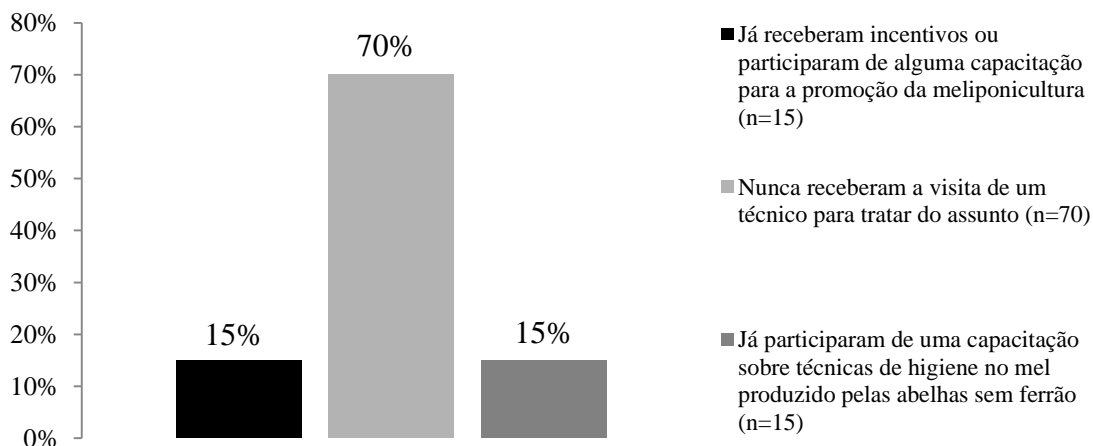


É importante destacar que além da Jandaíra e da Uruçu, existem outras espécies de abelhas nativas que podem ser encontradas no território paraibano. Um estudo realizado por Aquino (2006) identificou dezoito espécies de abelhas sem ferrão distribuídas em todo estado. No estado do Rio Grande do Norte, Pereira (2006) conseguiu listar dezessete espécies criadas em meliponários distribuídos em vários municípios.

Em relação a participação dos entrevistados ou incentivo para capacitações voltada para a promoção da meliponicultura por agentes do governo. Verificou-se que 70% nunca receberam a visita de um técnico especializado na atividade.

Para o desenvolvimento das comunidades rurais é de suma importância a presença da assistência técnica. No entanto, é importante que se busque o desenvolvimento de modos de produção que se respeite as tradições locais, principalmente entre os quilombolas (CARVALHO et al., 2014).

**Figura 3.** Distribuição dos trabalhadores quanto incentivo e capacitação governamental para a promoção da meliponicultura em Comunidade Quilombola no município de Diamante, Paraíba.

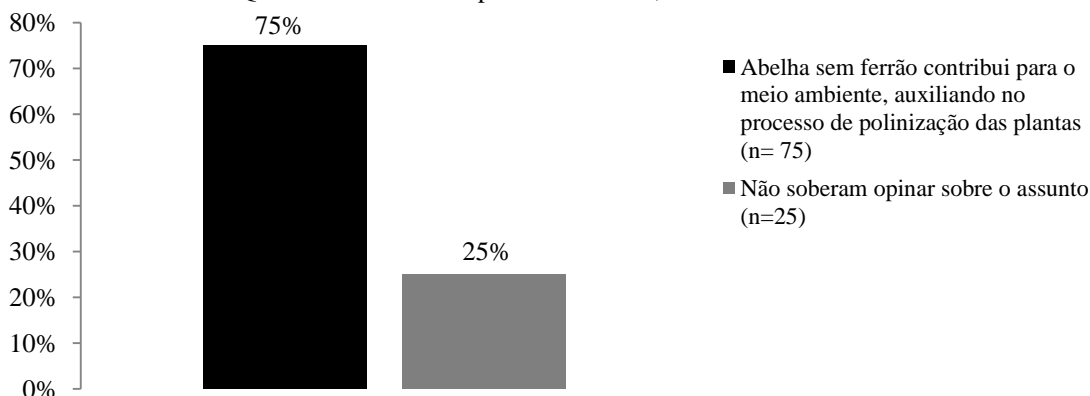


A meliponicultura praticada com conhecimento e utilizando as espécies corretas evita a perda de colônias, a depredação de ninhos naturais, gera renda de forma sustentável e contribui para manutenção da diversidade biológica. Por essa razão, é de suma importância que sejam promovidas capacitações direcionadas para os

meliponicultores, principalmente nas comunidades quilombolas.

Na Figura 4, verifica-se que segundo 75% dos quilombolas entrevistados, as abelhas sem ferrão contribui para o meio ambiente, auxiliando no processo de polinização das plantas. No entanto, 25% da amostra pesquisada não souberam opinar sobre o assunto.

**Figura 4.** Distribuição dos trabalhadores que exploram a meliponicultura quanto a contribuição das abelhas sem ferrão para meio ambiente em Comunidade Quilombola no município de Diamante, Paraíba.

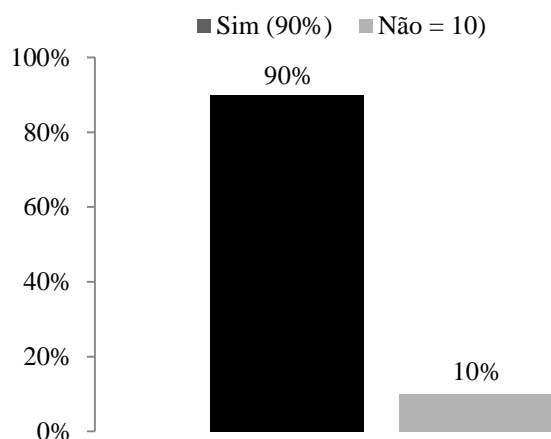


A Meliponicultura é considerada como sendo uma atividade capaz de causar impactos positivos tanto sociais quanto econômicos, contribuindo também para a manutenção e a preservação dos ecossistemas (PEREIRA et al., 2003). Nessa atividade, o valor ambiental é caracterizado pela interdependência da vegetação (nativa e cultivada) com a biodiversidade de polinizadores (PEGOARO; ZILLER, 2003).

A Meliponicultura pode contribuir, consideravelmente, para o desenvolvimento sustentável, favorecendo, economicamente, as comunidades quilombolas e grandes produtores rurais. Para tanto, torna-se necessário o desenvolvimento de projetos destinados à divulgação do conhecimento sobre as abelhas sem ferrão, objetivando estimular a ideia de preservação e conservação, principalmente, junto às comunidades naturais (PEREIRA, et al., 2008).

Em relação a utilizam o mel da abelha sem ferrão para fins medicinais pelos trabalhadores quilombolas. Observou-se que 90% dos entrevistados, fazem uso do mel da abelha sem ferrão para fins medicinais. No entanto, 10% declararam que não utilizam tal produto (Figura 5)

**Figura 5.** Distribuição dos trabalhadores que exploram a meliponicultura quanto a utilização do mel da abelha sem ferrão para fins medicinais em Comunidade Quilombola no município de Diamante, Paraíba

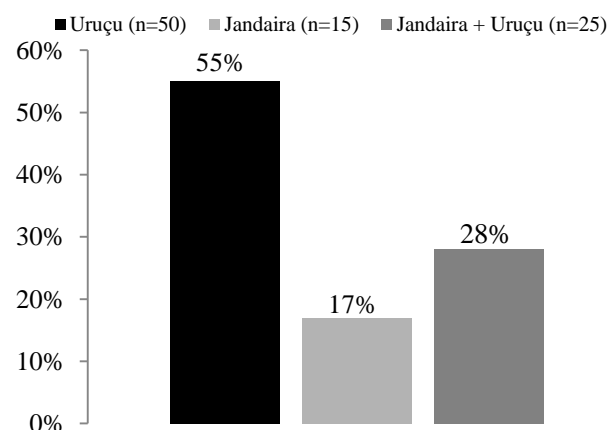


Um estudo desenvolvido por Sousa (2011) mostra que o mel produzido pelas abelhas sem ferrão, além de constituir-se num alimento nutritivo para o ser humano, por ser rico em carboidratos, proteínas, minerais e vitaminas, também possui propriedades antibacteriana e antioxidante, sendo, por isso, tradicionalmente utilizado no tratamento de várias doenças. No entanto, as aptidões curativas do mel de abelhas sem ferrão são do conhecimento do homem há vários anos. Entretanto, nas últimas décadas tem aumentado a demanda pelo mel desse tipo de abelha, atingindo preços no mercado bem mais elevados do que o preço praticado com o mel das abelhas do gênero *Apis*. E isto tem contribuído para aumentar nos estudos científicos voltados para as análises nutricionais e farmacológicas desse tipo de mel (SOUZA, 2006).

Na Figura 6, verifica-se que entre os quilombolas da Comunidade Oitis o mel produzido pela abelha Uruçu é o mais consumido para fins medicinais (50%). Outra significativa parcela (28%) utilizam tanto o mel de Uruçu quanto o da Jandaira e 15% declararam que utilizam somente

aquele produzido pela Jandaira. Esses resultados corroboram com os de Barrera-Bassols (2009), que também demonstrou que nas comunidades Quilombolas, o mel produzido pela urucu possui uma ampla utilização na medicina caseira. Com uma grande frequência, o mel produzido pelas abelhas sem ferrão é utilizado associado às plantas medicinais.

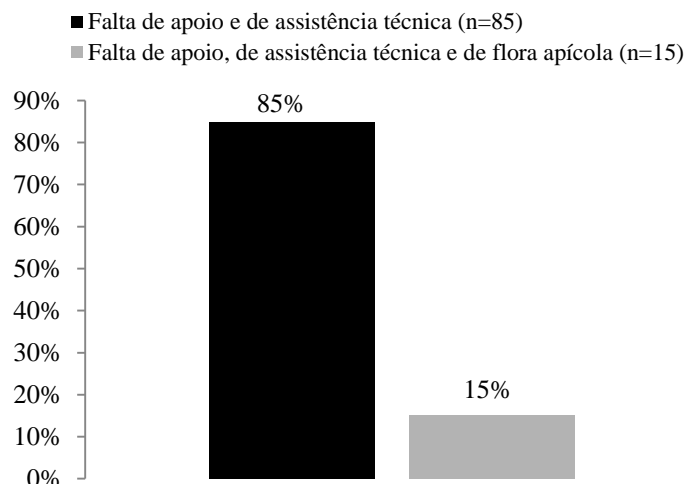
**Figura 6.** Distribuição dos trabalhadores que exploram a meliponicultura quanto ao tipo de mel da abelha sem ferrão utilizado para fins medicinais em Comunidade quilombola no município de Diamante, Paraíba



Andrade (2012) pesquisando a utilização medicinal do mel de abelhas, no município de Pombal-PB, verificou que tal produto é associado com maior frequência ao limão, a laranja, a hortelã, a romã, e a acerola, bem como o e alho, sendo este último em menor quantidade.

Na Figura 7 contata-se os valores em relação ao que os trabalhadores entendem por entrave na atividade da meliponicultura, onde 85% dos participantes da presente pesquisa acreditam que o principal obstáculo enfrentado diz respeito à falta de apoio e de assistência técnica; 15% dos entrevistados acrescentaram que além desses obstáculos, a falta de uma flora apropriada na região também contribuiu para limitar a produção de mel na comunidade.

**Figura 7.** Distribuição dos trabalhadores que exploram a meliponicultura quanto aos principais obstáculos enfrentados no desenvolvimento da meliponicultura



Um estudo realizado por Rodrigues (2009) mostra que somente nos últimos anos, os órgãos públicos veem dando uma melhor assistência técnica às comunidades, objetivando promover o seu desenvolvimento, inclusive, promovendo a meliponicultura.

Dentre as ações promovidas pelo Governo Federal no Nordeste brasileiro, voltadas para a promoção de meliponicultura, pode-se destacar o Programa Pacto Federativo, desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) em uma parceria com a EBDA e a Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (FAPESB). Esse programa vem estimulando a criação de melíponas no sertão baiano, objetivando a preservação das espécies, à conservação da diversidade dos ecossistemas locais, bem como estimular o comércio produtos oriundos da atividade apícola.

## CONCLUSÕES

Nas comunidades quilombolas, a prática da Meliponicultura encontra-se associada aos recursos naturais e pode contribuir para a construção da sustentabilidade local, tendo em vista que se trata de uma atividade que estimula a criação de abelhas sem ferrão, garantindo a polinização de espécies nativas e de plantações, bem como ajudando a reduzir o desmatamento e os danos ao meio ambiente.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. R. N.; NETA, R. O. S.; TROVÃO, D. M. B. M.; BARBOSA, J. E. L.; BARROS, A. T.; DIAS, T. L. Traditional uses of medicinal animals in the semi-arid region of northeastern Brazil. *Ethnobiol Ethnomed*, v. 8, n. 3, p 41-46, 2012.
- ANDRADE, S. E. O.; MARACAJÁ P. B.; SILVA, R. A.; FREIRES, G. F.; PEREIRA, A. M. Estudo etnoveterinário de plantas medicinais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, Paraíba, Brasil. *Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável*, v. 7, n. 2, p 193-198, abr-jun, 2012.
- AQUINO, I. S. Abelhas Nativas da Paraíba. João Pessoa: Universitária /UFPB. 2006.
- CARVALHO, R. M. A.; MARTINS, C. F.; MOURÃO, J. S. Meliponiculture in Quilombola communities of Ipiranga and Gurugi, Paraíba state, Brazil: an ethnoecological approach. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*, v. 10, n. 3, p. 1-12, 2014.
- KERR, W. E.; CARVALHO, G. A.; NASCIMENTO, V. A. Abelha urucu: Biologia, manejo e conservação. Belo Horizonte: Fundação Acangaú, 1996.
- CPRM, Serviço Geológico do Brasil. Diagnóstico do município de Diamante, estado da Paraíba. (Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea). Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.
- PEGORARO, A.; ZILLER, S. R. Valor Apícola das Espécies Vegetais de duas Fases Sucessionais da Floresta Ombrófila Mista, em União da Vitória Paraná – Brasil. *Boletim de Pesquisa Florestal*, Colombo, n. 47, p. 69-82, 2003.
- PEREIRA, C. D.; NETO, J. T.; BUSTAMANTE, N. C. R. et al. O ensino da meliponicultura na Amazônia. *Arq Mudi.*, v. 12, n. 2-3, p. 43-49, 2008.
- PEREIRA, D. S. Distribuição geográfica de espécies de meponineos criados no Rio Grande Norte. 2006. Monografia (graduação em Agronomia). Universidade Federal Rural do Semiárido\_ UFERSA. Mossoró. Disponível in: [www.monografias.com](http://www.monografias.com). Acesso: 10 jul 2014.
- PEREIRA, J. C.; VINCENZI, M. L.; LOVATO, P. E. Roland Ristow: uma contribuição ao estudo da agricultura sustentável. *Eisforia*, v. 1, n. 1, p. 63-97, 2003.
- RODRIGUES, E. R. Conhecimento etnoentomológico sobre abelha indígena sem ferrão (Meliponina) e meliponicultura na comunidade de São Pedro dos Bois do estado do Amapá. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Macapá: Universidade Federal do Amapá; 2009.